

Recado ao secretário

Rubem Braga

1232
Senhor secretário da Redação:

Estou-lhe fazendo este bilhete para dizer que hoje não vai cronica. Não estou passando bem. Isto, aliás, é mentira. Estou muito bem; estou excelente. Só o que me atrapalha e aborrece é ter de escrever cronica. Fora disso, neste sabado lindissimo, tudo é azul. Lá fora a molecada joga bola, e passam moças para a praia. O senhor compreende, não é justo nem decente eu ficar aqui martelando o teclado negro desta negra maquina, quando em menos de cinco minutos eu posso estar furando a curva de uma onda, ou bebendo pela pele, na areia, as vitaminas do sol.

O povo precisa de vitaminas! O novo prefeito diz que vai nos governar à maneira suiça! Hoje é sabado — e sabado é dia de pobre se divertir.

Senhor secretario, a situação é tensa; estou-lhe mandando este bilhete num sabado, quarto minguante. A semana vai acabar, a lua está diminuindo, não há tempo a perder. Senhor secretario, a vida está voando! No Dia do Juizo vão-me perguntar: "que fizeste quando os passaros cantavam, e o céu era azul, e a espuma das ondas voava na brisa, e as mulheres eram moças e belas — que fizeste?"

E eu direi: "fiquei em casa fazendo uma cronica."

Ora, senhor secretario, a gente precisa pensar nessas coisas. Um dia eu posso ser avô. Imagine meu netinho pedindo: "avô Braga, me conta uma historia de sabado de sol em Copacabana em 1951". Eu terei de responder: "houve muitas historias mas eu não sei nenhuma". Ele me perguntará: "mas vovô, você não fazia nada?". E eu: "não, não faziam nada, eu não vivia, nem nadava, nem bebia, nem dormia, nem amava — eu fazia cronicas".

Para lhe mostrar como as coisas se precipitam, senhor secretario: ontem o medico disse que estou com a vista cansada. E' claro, tenho visto muita coisa cansativa e triste: miseria, dor, humilhações. Ainda ontem mesmo vi uma criança doente; tão miseravel, tão disforme na sua doença que parecia um milagre ainda ter respiração para mover o peitinho. Um milagre triste, quase revoltante. Seus olhos... mas não, senhor secretario, eu não vou fazer cronica sobre isso nem sobre coisa alguma. Não posso. Minha vista está cansada de muita coisa; mas não das arvores; não do céu; não, nunca, do mar. E exatamente esta manhã, senhor secretario, recebi do astral, vinda pelo telefone, uma mensagem segundo a qual, alem das gaivotas, é possivel que seja visivel esta manhã, em pessoa, na praia, a Deusa da Graça e da Beleza, como se dizia nas valsas.

E eu que não sei fazer valsas! No lugar da minha cronica faça o favor de publicar, senhor secretario, um anuncio: precisa-se de uma pessoa que faça uma valsa do estilo de "Tu és divina e graciosa, estatua majestosa, etc. etc.", porem, mais caprichada, negocio urgentissimo.

Minha esperança está nessa historia do prefeito novo. Governar à maneira suiça!

Dizem que é assim: todo mundo entra num acordo. Topo! Vamos fazer o seguinte: vocês ficam por aí, eu vou para a praia, a praia ideal dos mares azuis da Suiça, que fica acima das montanhas em que o luar beija as neves serenas e então contemplarei nos teus olhos o infinito, ó cabeça linda sobre o colo gracil, como a flor na haste tremula de beleza, em eternal adoração perene ou perenal adoração eterna — está vendo, senhor secretario, eu não sei mesmo fazer valsa, não sei aquele coisa bonita que vai dando volta no ouvido, na alma, no ar. Não sei. Cronica eu sei, senhor secretario; eu tenho pratica. Mas como o senhor está vendo, hoje não estou em condições. Lá fora há tanto sol! Está um dia tão sabado, tão oceano Atlantico, tão aurora bo-real! Adeus.

29.4.51

435